

## “Rússia de mil anos”: espectros da “Grande Guerra Patriótica” nos discursos presidenciais de Vladimir Putin para o Dia da Vitória (2014-2022)

*“Millennial Russia”: haunting of the  
“Great Patriotic War” in Vladimir  
Putin’s presidential speeches for  
Victory Day (2014-2022)*

**Lúcio Geller Jr.**

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação  
em História da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul (UFRGS), Brasil  
lucio.geller@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0001-8879-4877>

**Resumo:** A Segunda Guerra Mundial é ainda hoje um objeto de disputas. Na Rússia, ela até possui outra denominação: “Grande Guerra Patriótica”. Assim que começou a guerra na Ucrânia em 2022, o período do entre guerras na União Soviética também foi evocado em comparações, justificativas e polêmicas entre os envolvidos. Não raro, Vladimir Putin foi associado a líderes do século XX que vão da esquerda até a extrema direita, dificultando as possibilidades de compreendê-lo. Por isso, o objetivo deste artigo é investigar como os espectros – conforme Ethan Kleinberg – da “Grande Guerra Patriótica” são construídos nos discursos oficiais de Putin. Para tanto, foram analisados 23 discursos proferidos nas celebrações do Dia da Vitória (9 de maio) entre o início das tensões com a Ucrânia, em 2014, e a eclosão da guerra, em 2022.

**Palavras-chave:** Vladimir Putin; Grande Guerra Patriótica; Discursos.

**Abstract:** World War II is still a subject of disputes today. In Russia, it even has another name: “Great Patriotic War”. As soon as the war in Ukraine began in 2022, the interwar period in the Soviet Union was also evoked in comparisons, justifications, and controversies between the main actors involved. Notin frequently, Vladimir Putin was associated with 20th century leaders ranging from the left to the extreme right, which makes it difficult to analyze. Precisely for this reason, the purpose of this article is to investigate how the specters – in Ethan Kleinberg’s sense – of the “Great Patriotic War” are constructed in Putin’s official speeches. To this end, 23 speeches given at Victory Celebration (May 9) between the beginning of tensions with Ukraine, in 2014, and the out break of war, in 2022 were analyzed.

**Key words:** Vladimir Putin; Great Patriotic War; Speeches.

## Introdução: os fantasmas que hoje rondam a Europa

Já há alguns anos me dedico ao estudo da história oral de mulheres que migraram da Rússia e da Ucrânia soviéticas para o Brasil nos anos de 1990 (GELLER JR., 2022). Nesse interim, o passado soviético veio à tona com o início da guerra entre seus países em 2022. Sem que ninguém pudesse prever até onde chegariam, as tropas russas invadiram a Ucrânia. De um lado, o presidente russo Vladimir Putin diz querer “desnazificá-la”. De outro, seu homólogo ucraniano, Volodimir Zelenski, afirma que o único “nazista” é Putin.

As alusões aos anos do entre guerras no espaço pós-soviético vêm desde o fim do socialismo de Estado,<sup>1</sup> de modo que considerar *como* elas são feitas é indispensável para entender *por que* rondam o conflito atual. Logo, meu objetivo é: estudar como os seus espectros são criados. Falar em espectros, é ver o passado não como um dado que é, *a posteriori*, usado (RICOEUR, 2007: 388), mas como uma assombração que ronda o presente e as categorias através das quais os historiadores atribuem sentido ao mundo (KLEINBERG, 2013: 23).

O foco do estudo são, assim, os espectros da “Grande Guerra Patriótica”, como a Segunda Guerra Mundial ficou conhecida na União Soviética desde a invasão alemã em 1941. Em minhas pesquisas anteriores, histórias de antepassados que a viveram sempre apareciam nos relatos das entrevistadas, me apresentando alguns de seus sentidos a partir de histórias pessoais. Diante da situação atual, quis pensá-la de outras formas e, ao mesmo tempo, sair de minha zona de conforto metodológica.

Embora trabalhe com relatos orais desde 2018, farei uso de documentos oficiais escritos. Neste caso, de discursos de Putin veiculados publicamente pelo seu Gabinete Presidencial. Ainda assim, há espaço para aproveitar a minha *expertise*, pois a análise dos espectros é feita *a partir* da visão de Putin. Na realidade, a ascensão de líderes que desafiam parâmetros topológicos, como Donald Trump nos Estados Unidos e Jair Bolsonaro no Brasil, parece já ter evidenciado a importância dessa abordagem para muitos outros estudos (ROSENFELD, 2019; BAUER, 2019).

Apesar das diferenças, Putin é uma dessas figuras enigmáticas. Desde sua ascensão à presidência em 2000, com um breve hiato como primeiro-ministro de Dmitri Medvedev, até o presente, sua atuação é cercada de ambiguidades que ficam patentes quando ele acumula

<sup>1</sup>Conferir a recente coletânea de Julie Fedor, Simon Lewis e Tatiana Zhurzhenko (2017).

rótulos que vão da esquerda até a extrema direita. Não raro, Putin é associado a líderes soviéticos, mesmo quando Zelenski o compara a Adolf Hitler. A revista francesa *Historia* (MOSCOU, 2022: 16), por exemplo, o ilustrou tal como as arquetípicas imagens de Vladimir Lênin, às vésperas da Revolução de Outubro, com o braço erguido (*Figuras 1 e 2*).

Figura 1. Vladimir Putin



Fonte. Moscou. *Le mythe de la nouvelle Rome*, dossiê da revista *Historia*, 2022 (impresso).

Figura 2. Vladimir Lênin



Fonte. Pintura de Lênin de Boris Kustodiev, 1926. *Wikimedia Commons* (domínio público).

Putin passou assim do nazismo ao socialismo soviético. Mas diferente de Lênin, ele não aponta para o sonho resplandecente da comunidade auto emancipada de Karl Marx. E sim para o passado da *Novorossiya* (Nova Rússia), como era chamado parte do território ucraniano atual durante o Império Russo (Figura 1)<sup>2</sup>. Seus interesses não estariam ligados aos objetivos dos fundadores da União Soviética, mas aos territórios legados aos bolcheviques pela “Rússia de mil anos” (PUTIN, 2022a). Contudo, esse apreço pelas antigas dimensões imperiais da Rússia é nublado pela relação que o seu governo tece com a época soviética. Verdadeiras recontituições de cerimônias oficiais, como a marcha do “Regimento Imortal” (Figura 3), são realizadas em Moscou todo dia 9 de maio, quando é celebrada a rendição do Terceiro Reich diante do Exército Vermelho em 1945.

<sup>2</sup>A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), instituída em 1922, herdou os territórios do Império Russo, adotando um modelo de federalismo etno territorial que preservou a ideia de uma unidade política com várias “nações” em seu interior. As divisões federativas com base em critérios territoriais, linguísticos e religiosos resultaram em 15 países independentes em 1991, incluindo Rússia, Bielorrússia, Ucrânia e outros (GELLER JR., 2022: 34-35).

Figura 3. Marcha do Regimento Imortal



Fonte. Serviço Oficial de Imprensa e Informações Russo, 22 de junho de 2020. *Wikimedia Commons* (domínio público).

Isso explica porque para muitas correntes de esquerda foi difícil criticar a invasão da Ucrânia (DELIOLANES, 2022). A frequência com que Putin contrariava aos interesses dos Estados Unidos era para várias tendências de países historicamente marcados pela intervenção estrangeira o sinal de um certo *antiocidentalismo*<sup>3</sup>. No campo da direita não foi diferente. Se de um lado havia aqueles que preferiam ficar do lado da Ucrânia; de outro, havia os apoiadores de Putin. Basta lembrar, no primeiro caso, dos setores da direita brasileira que há muito tempo falam em “ucranizar” o país (GELLER JR.; PORTAL, 2021); e, no segundo, de líderes com afinidades de agenda política, como Bolsonaro (CORREIA, 2022).

Mesmo as tentativas mais pretensamente “científicas” de compreender a guerra caíram em alguns dilemas. Ronald Suny (2022), por exemplo, não deixou de conferir certa lógica aos argumentos de Putin. Isto é, de que a expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) não lhe deixou outra alternativa, *senão a guerra*. Em leituras assim, segundo Vanni Pettinà (2022), os analistas acabam reiterando a visão de Putin.

<sup>3</sup> No debate político russo, o *antiocidentalismo* é o oposto do *ocidentalismo*, que nasceu a partir da problemática herança de reformas modernizantes deixada por Pedro, o Grande. Seus defensores, os *ocidentalistas*, as viam como o caminho para fortalecer a Rússia (SEGRILLO, 2012: 100).

Isso não significa que nem os acadêmicos possam criar interpretações adequadas, mas que “a história é escrita em meio a um campo de força afetado por diferentes tipos de memória, de política e de lei, em que o esclarecimento do passado não pode ser separado do uso público da história” (TRAVERSO, 2021: 224). Evidentemente, quando Putin é chamado de “nazista” e, simultaneamente, de “comunista”, há o risco de tornar os termos simples adjetivos de desqualificação. Por isso, proponho uma reflexão nos limites dessas formações de sentido, ou seja, no campo espectral. Afinal, como lembra Reinhart Koselleck (1989: 311), a própria escrita da história é fundada a partir da incontornável *tensão* entre as experiências no tempo e as suas transcrições linguísticas.

Consoante aos limites deste artigo, foram qualitativamente analisados 23 discursos transcritos pelo Gabinete Presidencial entre 2014 e 2022<sup>4</sup>. Para oferecer uma visão mais ampliada dos espectros da “Grande Guerra Patriótica”, o recorte temporal vai do início das tensões entre Rússia e Ucrânia até o início do contencioso. A quantidade obedece ao número de declarações feitas durante cerimônias do Dia da Vitória. Comemorada em outros países em 8 de maio, a efeméride é um meio eficaz para explorar seus diferentes significados, segundo Enzo Traverso (2018: 58-59), e para entender como os seus espectros assombram o presente.

Finalmente, seria um equívoco deixar de notar que não trabalho com os discursos pronunciados diretamente por Putin, mas com reproduções escritas que coincidem menos com a sua dicção do que com as regras gramaticais dos transcritores (não identificados). Mais do que transcrição, é uma tradução de seus discursos, no sentido de torná-los compreensíveis para uma audiência muito maior do que a de um cerimonial. Escritos ou proferidos, seus pronunciamentos são *uma forma* de discurso – assim como as imagens apresentadas anteriormente. Isso quer dizer que analiso uma das formas como as visões de mundo do mais alto representante do sistema político da Rússia hoje são apresentadas pelo próprio meio que ele procura representar. É assim também uma “tentativa de fixar sentidos em um cenário de disputa” e de afirmação de poder (PINTO, 2009: 80).

---

<sup>4</sup> A pesquisa reuniu todos os discursos sobre o tema presentes no repositório virtual do Gabinete Presidencial (<http://en.kremlin.ru/>). A tradução dos trechos citados no artigo é de minha autoria.

## *Fantasma da guerra: da resistência soviética aos conflitos na Ucrânia*

Não cabem dúvidas de que a “Grande Guerra Patriótica” marcou não só quem a viveu como as gerações seguintes<sup>5</sup>. Ainda assim, a relação entre os traumas do passado e a sua relevância no presente não é direta. Se fosse, talvez não veríamos os problemas dos silêncios ou das dissimulações. Prova disso são as mudanças de uma experiência passada em diferentes tempos e lugares, colocando em dúvida essa noção corrente de que o passado *é passado*. Por isso, as páginas que seguem são dedicadas ao modo como os Estados russo soviético e pós-soviético lidaram (e lidam) com os espectros da guerra, com vistas a entender alguns elementos presentes nos discursos de Putin, que virão logo em seguida.

Na realidade, já durante a guerra surgiram certas perspectivas, como da *resistência dos povos soviéticos* depois da virada na encarniçada batalha de Stalingrado. Porém, Josef Stálin (1922-1953), cujo nome era agraciado pela cidade que foi um dos principais palcos da guerra, preferiu adotar um discurso de reconstrução, como se os desafios do país não tivessem acabado em 1945 (KANGASPURO; LASSILA, 2017: 150). Sua morte em 1953 abriu uma crise sucessória, que fez com que o dirigente seguinte, Nikita Khrushchev (1953-1964), ficasse distante de seu legado, inclusive através de uma sutil tolerância em relação à recordação da guerra. Exemplo disso, foi a produção do filme *A Infância de Ivan* (1962), de Andrei Tarkovsky, que conta a guerra pelos olhos de uma criança (GELLER JR.; STELMACH, 2020: 379).

Foram nos anos em que Leonid Brejnev (1964-1962) liderou a União Soviética, quase duas décadas depois do fim da guerra, que ela adquiriu um maior protagonismo institucional. Assim como um culto havia sido criado em torno de Lênin após sua morte em 1924<sup>6</sup>, a lembrança da resistência ao Terceiro Reich foi promovida a fim de agregar ao *ethos* revolucionário valores de luta e defesa da *pátria*, “pensada enquanto um sentimento de pertença a uma mesma coletividade” (VIANNA, 2017: 303). Veteranos foram incentivados a assumirem um papel público como testemunhas, monumentos foram erguidos e cerimônias foram feitas para tornar a sua memória um dever cívico e um laço de pertencimento ao Estado Soviético

<sup>5</sup> Estimativas afirmam que 700 cidades e 70.000 aldeias foram arrasadas. O número de soviéticos mortos é objeto de debate, mas sempre próximo dos 20 milhões (WOLFE, 2006: 252).

<sup>6</sup> O governo soviético embalsamou seu cadáver e ergueu um mausoléu como símbolo da eternidade da luta revolucionária, além de estátuas nas praças centrais de cada cidade, muitas vezes reutilizando os plintos das esculturas dos tzares e os padrões do culto ortodoxo (NÚÑEZ SEIXAS, 2022).

(WOLFE, 2006: 266-267). Porém, sacralizar um acontecimento histórico em um Estado cuja única divindade, em tese, era a noção de *progresso*, originou algumas contradições incontornáveis.

O filme de Tarkovsky, embora exaltasse a resistência soviética, apresentava uma face trágica, destrutiva e, portanto, *regressiva* da humanidade, que era a guerra. A União Soviética, por sua vez, foi concebida dentro do paradigma moderno que vê a história como um movimento *progressivo*. Isto é, uma síntese do passado e uma expectativa de futuro, em que a ação humana pode transformar o mundo (MUDROVIC, 2015: 101-105). Enquanto entidade política, o Estado seria o vetor para vislumbrar o futuro de uma sociedade sem classes. Dessa forma, seria preciso focar mais na lembrança da vitória sobre o Terceiro Reich do que na diversidade de narrativas como a de Tarkovsky. Surge, assim, um esforço para tornar a guerra coerente com a visão soviética de história. Logo, um fenômeno coletivo, herdeiro da Revolução de Outubro (WOLFE, 2006: 254).

A despeito do esperado, as formas de se relacionar com a guerra sempre variaram conforme aspectos territoriais, étnicos, de credo, entre outros. A maioria das vítimas da *Shoah* viviam no Leste Europeu, onde os nazistas criaram milhares de guetos e campos de concentração, em alguns casos, com a colaboração de grupos locais, como o Exército Insurgente Ucraniano, contrários ao regime soviético. A União Soviética, por sua vez, nutriu suspeitas sobre as populações dessa região, que também desconfiavam dela pelas expropriações, repressões e carestias dos anos de 1920-30. Para Thomas Wolfe (2006), foi a exposição da guerra à heterogeneidade da União Soviética que levou Stálin a evitar celebrá-la, de modo que sua posterior reabilitação foi feita para defender o *status quo* do regime depois que Khrushchev abriu um sutil espaço para essa diversidade (WOLFE, 2006: 265).

Para não repetir Stálin, Brejnev teria assim se antecipado e buscado o monopólio discursivo da guerra diante dessa variedade de experiências, que levou a proibição do acesso aos arquivos históricos a partir da década de 1970 e a dissuasão de seus críticos. Dissolver as contingências da União Soviética com uma história estável e homogênea não era só uma forma de legitimá-la como uma “família de povos”, mas de colocá-la dentro da Europa. Era uma chance de combater o estereótipo da divisão Oeste/Leste da Europa herdado do Iluminismo. Nele, a Rússia não era incluída na *République des Lettres* de Voltaire, restando-lhe ser sempre o lugar do liminar, da diferença (PASSERINI, 2011: 118).

Os anos de 1980, porém, viram uma renovação de toda essa gramática histórica com a difusão de duas palavras: *Perestroika* (Перестройка), “reconstrução”; e *Glasnost* (Гласность), comumente traduzida como “transparência”, mas que sugere um estado em que tudo é “posto ao alcance de todos”. Embora indiquem o programa de reformas do último líder soviético, sua concepção está ligada a uma mudança de paradigmas históricos. Mikhail Gorbachev (1985-1991) acreditava que o modelo brejnevista distanciou a sociedade dos verdadeiros ideais soviéticos. Em suas palavras, a “apresentação de uma realidade *sem problemas*” criou “uma passividade no público e a descrença nos lemas proclamados” (GORBACHEV, 1987: 21, *grifos originais*).

Para Gorbachev, era preciso reacender a participação popular e uma reinterpretação da guerra seria um bom começo para isso, pois motivaria a sociedade a refletir sobre como ela se desviou de seu futuro pretendido. Houve assim um alívio das medidas restritivas de Brejnev e um incentivo a reportagens críticas e relatos memoriais. Contudo, se com isso Gorbachev esperava assistir a uma renovação da União Soviética, em 1991 ele a viu terminar sem deixar nenhum resquício de socialismo<sup>7</sup>.

A transformação do socialismo de Estado em uma economia de mercado e o fim do sistema político soviético atravessaram as reinterpretações em curso. Novas forças políticas aparecerem e algumas delas passaram a defender que o “fim do pesadelo nazista coincidiu com o começo da longa noite de hibernação soviética, um ‘sequestro’ que separou a Europa Central do Ocidente: sua verdadeira ‘liberação’ só veio em 1989”, com a queda do Muro de Berlim (TRAVERSO, 2018: 58-59). Ainda assim, a dissolução não impôs uma memória absolutamente negativa dos tempos soviéticos, considerando as enormes frustrações no decorrer do processo. Em minhas pesquisas com russas e ucranianas que emigraram da União Soviética naqueles anos, a maioria delas lamentou pelas perdas de muitas garantias sociais, como saúde, educação, emprego e moradia (GELLER JR., 2022).

Essas mudanças foram seguidas pela desagregação do Estado multinacional em 15 novos países independentes. Na Federação Russa, muitos estadistas soviéticos conseguiram preservar suas posições, exercer influência política e tirar proveito da nova economia, como seu primeiro presidente, Boris Yeltsin. Seu desafio era equilibrar a legitimidade das novas nações com os símbolos do passado. Tão logo assumiu a presidência, Yeltsin aprovou a Lei n. 4.292-1, que

<sup>7</sup> Existe uma vasta literatura sobre o fim da União Soviética; para uma visão geral, ver Plokhy (2015).



dispõe sobre a “perpetuação da memória daqueles que morreram defendendo a pátria” e a Lei n. 32-FZ sobre as datas de “glória militar”, como o Dia da Vitória (RÚSSIA, 1993;1995).

As leis de Yeltsin se aproximavam mais da visão de Brejnev do que a de Gorbachev. Os velhos espectros patrióticos, destinados a unir a sociedade, pareciam ser a solução mais rápida para um governo que sofria com os efeitos da transição. Não obstante o agravamento da situação política e econômica do país, divisões regionais internas, como a Chechênia, exigiam a mesma autonomia das 15 ex-repúblicas soviéticas. A recusa dos líderes que atuaram pela divisão de 1991, levou a uma guerra fratricida na região, que adentrou o século XXI (SEGRILLO, 2012: 109).

É nesse momento que Putin entra em cena, inaugurando uma nova relação com a “Grande Guerra Patriótica”. Assim como Yeltsin, ele viveu sob o socialismo de Estado e, com a transição, ingressou na política. Foi do serviço de inteligência soviético para a assessoria do primeiro prefeito eleito de São Petersburgo em 1991. Em 1996, recebeu do Kremlin a tarefa de recriar os órgãos de inteligência. Três anos depois, ascendeu a primeiro-ministro e lançou um dos ataques mais brutais contra a Chechênia. Embora saído das entranhas do governo de Yeltsin, Putin procurou construir a imagem de um *outsider* para chegar à presidência, com mais cara de KGB do que dos antigos *Politrabotniki*, agora acomodados no mundo pós-soviético<sup>8</sup>.

Seus dois primeiros mandatos, de 2000 a 2008, foram marcados por medidas centralizadoras, como o fim das eleições diretas para os governos regionais, e a presença de figuras das Forças Armadas no seu entorno. Em 2011, Putin anunciou seu retorno, baseado na ideia de que seus governos foram um estágio menos democrático, mas necessário para solidificar a Rússia diante da crise econômica e dos conflitos regionais. Para ele, esse recrudescimento autoritário era aceitável, pois derivava de qualidades “intrínsecas” da Rússia, como o anseio pela defesa de um Estado e de líderes fortes. Putin comparava sua volta, que se dilatava até o presente, com os esforços maciços para vencer a Segunda Guerra Mundial (DUBIN, 2012: 41).

Mas se internamente a vitória soviética representava aquilo que distinguia o seu país, alguns estudiosos apontam que para o resto do mundo era uma conquista partilhada. Segundo Tatiana Zhurzhenko (2015), Putin recorreu à guerra para elevar a posição geopolítica da Rússia como libertadora da Europa. É preciso lembrar que a rendição alemã não foi só uma bandeira

<sup>8</sup> O KGB, na sigla soviética, designa o Comitê de Segurança do Estado. Até 1991, Putin foi um de seus agentes de contraespionagem. Já o termo *Politrabotniki* se refere aos políticos soviéticos, muitos dos quais se perpetuaram em seus cargos e posições após a dissolução (SEGRILLO, 2012: 97-128).

para unir a sociedade, mas para disputar espaço dentro do que se entendia como “Europa”. Além da simbologia, ela legitimava a União Soviética dentro da ordem europeia do pós-guerra.

Ainda conforme Zhurzhenko (2007), a relação de Putin com a Ucrânia é um dos principais exemplos da reconfiguração dessa lógica. Quase oitenta anos após a vitória sobre o nazismo, Putin afirma estar enfrentado o mesmo desafio na Ucrânia. Basta lembrar que uma de suas justificativas para a invasão de 2022 é a “desnazificação”. Obviamente, ao longo dos últimos anos, a ascensão de governos e lideranças autoritárias aprofundou o debate sobre o ressurgimento do extremismo de direita (CALDEIRA NETO; MAGALHÃES, 2022). Todavia, são poucos os observadores que interpretam o fenômeno pelo “paradigma fascista do período do entreguerras” (TRAVERSO, 2021: 39). Ainda mais pelo seu caráter global, que atinge, inclusive, a Rússia, conforme vários estudos sobre as direitas no século XXI<sup>9</sup>.

A relação entre os dois países, contudo, já foi diferente. Assim como na Rússia, os primeiros presidentes da Ucrânia, Leonid Kravchuk (1991-1994) e Leonid Kuchma (1994-2004), eram antigos quadros do regime anterior e, como Yeltsin, queriam manter um equilíbrio entre o passado e o presente – o que passava pela boa relação com a Rússia (PORTNOV, 2013: 233). Em contrapartida, uma miríade de movimentos sociais ucranianos – do feminismo, passando pelo pós-colonialismo (ou pós-soviência), até o nacionalismo – sempre viram a independência do país como uma oportunidade para disputar novos sentidos de pertencimento (KUTKINA, 2020. p. 39).

Um primeiro momento de expressão dessa segunda corrente ocorreu durante a chamada Revolução Laranja de 2004, que levou Viktor Yushchenko (2005-2010) à presidência com um discurso de defesa do reconhecimento de crimes cometidos no período soviético. Já o segundo, aconteceu depois que seu sucessor, Viktor Yanukovytych (2010-2014), cedeu às pressões de Putin e abandonou o acordo de livre comércio com a União Europeia (UE). O episódio desencadeou uma jornada de protestos contra essa ingerência em 2013, conhecida como *Euromaidan*<sup>10</sup>.

<sup>9</sup> Há uma extensa literatura sobre a extrema direita pós-soviética; para uma análise dos casos russo e ucraniano, ver: Umland e Tarasiuk (2021).

<sup>10</sup> Ver, sobre a Revolução Laranja: Portnov (2013: 242-248) e, sobre o *Euromaidan*: Kutkina (2020: 3-12). No segundo caso, surgiu um movimento pela retirada dos símbolos soviéticos da paisagem pública, com foco nas estátuas de Lênin (ver nota 6). Porém, segundo Slavoj Žižek (2023), cabe “separar Lênin do leninismo. Este último é uma invenção de Stálin [...] para legitimar seu poder [...] Putin faz coisas semelhantes: [...] fala sobre ‘desnazificação’, inventando que a Ucrânia é um estado fascista. Logo, na Ucrânia, os monumentos a Lênin não simbolizam o próprio Lênin, mas o regime soviético como um todo”.

Neste último, de fato surgiram várias organizações extremistas que entoaram discursos abertamente chauvinistas e xenófobos,<sup>11</sup> motivo pelo qual Putin retratou o país como uma usina de “fascistas” e procurou justificar sua decisão, quase uma década antes da invasão de 2022, de anexar um de seus territórios (Crimeia) e apoiar grupos armados russos no leste do país. Mesmo que muitos intérpretes venham afirmando desde então que o “cotidiano político ucraniano” não se tornou monopólio da extrema direita (CALDEIRA NETO; MAGALHÃES, 2022), esse discurso seguiu inabalável. Isso porque Putin não está falando de conceitos ou interpretações historiográficas, mas dos espectros da “Grande Guerra Patriótica”. São eles então que devem ser compreendidos desde um recorte mais amplo do que os episódios mais imediatos, como exponho a seguir.

### ***Espectros essencialistas: Vladimir Putin e o Dia da Vitória***

O Dia da Vitória, instituído na Federação Russa pela constituição de Yeltsin, era um resquício do período soviético, quando Brejnev tornou a data um feriado nacional em 1965 (KANGASPURO; LASSILA, 2017: 151). Yeltsin fez aquele uso mais comedido da efeméride, em um nítido contraste com o que acontecia na Europa Ocidental na mesma época. Lá, a rendição do Terceiro Reich é, desde os anos de 1980, exaltada como “o início de uma era de paz, liberdade, democracia e reconciliação” (TRAVERSO, 2018: 54).

A partir do terceiro mandato de Putin, a Vitória adquiriu outras dimensões. Todo dia 9 de maio, a Praça Vermelha em Moscou é inundada por um imenso desfile militar. Durante a cerimônia, todos os ramos das Forças Armadas e de Segurança desfilam e exibem veículos de combate e sistemas de mísseis e de defesa aérea. Além disso, o presidente participa de cerimônias de gala, encontros com grupos de veteranos e chefes de Estado, e da marcha do “Regimento Imortal”, em que as pessoas levam fotos de familiares que participaram da guerra. Em todas as ocasiões, Putin discursa.

Mas diferente da visão ocidental, o fim da guerra não é celebrado só como um momento de libertação. Em 2015, no desfile de setenta anos da Vitória, Putin (2015c: 1, *grifos meus*) começou dizendo que, “quando celebramos este aniversário sagrado, mais uma vez apreciamos

<sup>11</sup> Para um mapeamento das formações que Putin se refere, ver: Shekhovtsov e Umland (2014). Entre outros argumentos, os autores apontam como o avanço eleitoral da direita ucraniana foi tardio em comparação a própria Rússia, que já nos anos de 1990 contava com nacionalistas xenófobos entre os mais votados nas listas partidárias (SEGRILLO, 2012: 104).

a enorme escala da vitória sobre o nazismo. Estamos orgulhosos de que foram nossos pais e avós que conseguiram *prevaler, esmagar e destruir* essa força das trevas”. Seu foco está mais no *trunfo*, do que no *trauma*. Afinal, as referências a um passado traumático e à memória das vítimas, a exemplo da recordação da *Shoah*, superam as narrativas heroicas e os mitos triunfalistas dentro da ótica europeia, sobretudo quando considerados os novos memoriais e museus dedicados à história do século XX<sup>12</sup>.

O discurso de Putin vai além do louvor. Ele se orgulha de “descender” dos que “esmagaram” o nazismo. Em 2018, junto do premiê de Israel Benjamin Netanyahu e do presidente sérvio Aleksandar Vucic, Putin (2018: 4) disse que os russos têm “a honra de serem seus herdeiros” e devem compreender essa “responsabilidade”. No ano seguinte, durante o 74º aniversário da Vitória, ele foi adiante e disse que “nós, como seus herdeiros, faremos tudo para sermos dignos dos veteranos e cumprir sua principal missão: preservar nossa pátria, trabalhar em seu benefício e amá-la de todo o coração” (PUTIN, 2019d: 2). Seu discurso busca assim estabelecer tanto uma descendência “objetiva” – laços familiares (“pais e avós”) –, quanto de valores que teriam movido seus ancestrais e devem ser perpetuados para que esses mesmos vínculos não se percam. Com uma forte carga afetiva, ele sobredetermina uma relação cívica *sagrada* (VIANNA, 2017: 303).

Além disso, Putin sugere ligações mais “coletivas” para não restringir a descendência aos filhos e netos dos que participaram da guerra. No desfile de 2021, com o presidente do Tajiquistão, Emomali Rahmon, Putin (2021: 2, *grifos meus*) afirmou que “*somos parentes de sangue*” e “descendemos da *geração dos vencedores*”. A descendência, nesse sentido, prescinde de qualquer estirpe, pois é situada em relação a todas as pessoas de uma época, isto é, uma geração. Dentro da ritualística brejnevista, havia algo parecido. Através do termo “geração de guerra”, o regime buscou nutrir um sentimento de *dívida* com os veteranos pelas vidas pacíficas que a Vitória legou às gerações seguintes. Isso, contudo, não evitou cizânias sobre a representação da guerra, o que é um dos problemas centrais da ideia de geração quando pensada como uma unidade estática, ao invés de um conjunto de experiências e perspectivas (WOLFE, 2006: 266).

<sup>12</sup> Certamente, qualquer pesquisa de campo poderia provar que mitos e heróis ainda existem em alguns contextos ou que ainda são populares entre determinados grupos. Porém, o que estou sublinhando é que hoje essas narrativas se tornaram bem mais fragmentadas diante de discursos alternativos sobre a Segunda Guerra Mundial (ver nota 14), especialmente pela pretensão de décadas de vários países da Europa Ocidental de tornar a *Shoah* um “paradigma da memória ocidental” (TRAVERSO, 2018: 57).

Putin (2017a: 3), porém, procura afirmar que não são só os campos de batalha que situam temporalmente a “geração dos vencedores”, conforme o discurso para a marcha de 2017:

*A Grande Vitória foi conquistada por marechais e soldados rasos, voluntários e trabalhadores domésticos, guerrilheiros e combatentes da resistência, idosos e crianças. Pessoas de todas as etnias e profissões. Todos eles passaram pelas provações impensáveis da Segunda Guerra Mundial com coragem e paciência incomparáveis. Sem dormir nem descansar, trabalharam nas fábricas e nos hospitais, queimaram em tanques, congelaram em trincheiras, afogaram-se em travessias de rios [...] Todos eles morreram sem saber da Vitória, mas fizeram tudo o que puderam para alcançá-la.*

Assim como a descendência não é restrita ao parentesco, a ideia de geração está aberta a todo tipo de experiência impactada pela guerra. Contudo, não se deixa de impor um tipo de unidade, na medida em que procura fixar um mesmo sentido: alcançar a Vitória a todo custo. Em outras palavras, todos aqueles que viveram os anos de 1940 teriam atendido de alguma forma àqueles deveres de “trabalhar pela pátria, preservá-la e amá-la” – o que também coloca as gerações seguintes *em dívida* com os mesmos compromissos. Como disse no desfile de 2016, “seguiu-se um caminho heroico e sacrificial [...] e uma série de *tarefas desafiadoras* tiveram que ser resolvidas”. Apesar do que tenham sido, ocorreram no “calor da guerra” (PUTIN, 2016a: 2, *grifos meus*).

Se a citação do discurso de 2017 permite observar como uma variedade de experiências são colocadas dentro de uma mesma categoria, ela é um tanto apressada sobre as tais “pessoas de todas as etnias”. Na realidade, essa questão já havia aparecido no discurso de 2021, porque a presença do presidente do Tajiquistão não era um mero adereço. Quando Putin (2021: 3) diz que “somos parentes”, o líder de outra ex-república está incluído, pois logo em seguida ele fala das “pessoas de todas as etnias e crenças [que] lutaram por cada centímetro de nosso solo”.

Em 2015, Putin (2015b: 1) também se encontrou com o presidente do Cazaquistão, Nursultan Nazarbayev, e disse estar grato por ele passar “nosso feriado comum” em Moscou. Assim como em 2021, ele quis mostrar como a guerra, além de diferentes atuações, reuniu todas as nações da União Soviética. No desfile dos 75 anos da Vitória em 2020, em que Putin (2020c: 1-2) recebeu Shavkat Mirziyoyev, presidente do Uzbequistão, ele destacou a importância do país à época:

*[...] durante a guerra, 2 milhões de uzbeques lutaram no front. Cerca de 500.000 pessoas morreram e 130.000 desapareceram [...] o Uzbequistão recebeu 2 milhões de civis*

*evacuados de outras repúblicas soviéticas [...] Muitas instalações industriais foram transferidas para o Uzbequistão e logo reiniciaram as operações para produzir os suprimentos para o front. Tudo isso é nossa história comum, nossas conquistas comuns e nossa vitória comum. Hoje, estamos nos desenvolvendo como Estados independentes, mas desfrutamos de relações aliadas estratégicas totalmente únicas.*

Na visão de Putin, todas aquelas “provações impensáveis” descritas em 2017 são igualmente compartilhadas com o Uzbequistão. Ao usar argumentos semelhantes ao de seu discurso de três anos atrás sobre a Rússia, como a diversidade de atuações e a produção de suprimentos, Putin procura reforçá-los e assinalar o caráter comum da história dos dois países. A dissolução da União Soviética pode ter feito com que cada um tenha seguido caminhos diferentes como “Estados independentes”, mas a guerra surge como algo que sempre os manterá unidos, porque “a Vitória foi assegurada pela unidade e fraternidade genuína de todos os povos da União Soviética” (PUTIN, 2015a: 2). E mais, ele a vê como uma experiência “atemporal” (PUTIN, 2020g: 2).

A ideia de unidade equivale a de descendência no campo das relações internacionais, uma vez que as duas operam com uma noção de *dívida*. Não como uma “culpabilidade” e sim, segundo Paul Ricoeur (2007: 392, *grifos meus*), enquanto um “fardo”, sob o qual repousa o “tema da herança”. No caso dos descendentes, é preciso saldá-la através da perpetuação de compromissos morais; e, dos Estados, da preservação da sua unidade. Isso porque a dívida, segue Ricoeur, “religa o ser afetado pelo passado ao *poder-ser* voltado para o futuro”.

Além da noção de *dívida*, sua concepção de unidade ecoa na relação da narrativa triunfalista soviética como conceito de Estado-nação conformado ao longo do século XIX. Desse ponto de vista, seria dentro da nação que seus membros, para além das diferenças étnicas ou de credo, deveriam afirmar “um sentimento de pertença que os liga uns aos outros e legitima a sua unidade política” (MUDROVIC, 2015: 106)<sup>13</sup>. O Estado soviético, nesse sentido, foi uma entidade nacional que reunia diferentes “nações” – muitas delas dominadas desde o czarismo. Portanto, o triunfalismo da “Grande Guerra Patriótica” não atendia a demandas *exclusivamente*

<sup>13</sup> É verdade que há décadas a ideia de nação é pensada enquanto *comunidade imaginada* (ANDERSON, 2008). Porém, não se trata de partir de uma visão antiquada, nem de explicar a União Soviética através de modelos prontos. A sua constituição seguiu paradigmas que pensavam-na em termos “essencialistas”, semelhantes a de Estados com objetivos políticos e sociais bem diferentes (ver nota 2). Ninguém menos que Stálin (1979: 7-8) definiu a nação como “uma comunidade estável, historicamente formada de idioma, território, de vida econômica e de psicologia”.

soviéticas. Foi uma forma de integrar as populações do velho império em uma causa comum (WOLFE, 2006: 260).

Em seus discursos, Putin (2018: 3) faz questão de lembrar que etnia, religião ou região não importavam. “A chave – afirmou ele – era que as armas estavam nas mãos de *um povo* inflexível e unido na defesa de sua querida terra natal (PUTIN, 2019d: 1). Foi “o povo *multiétnico* da União Soviética [que] se levantou como um só para lutar contra o inimigo” (PUTIN, 2016b: 1, *grifos meus*). Sem dúvida, suas palavras são assombradas pelos espectros da guerra como legitimadora do Estado multinacional soviético a partir do que seria a prova de sua unidade: a união dos povos contra a ameaça nazista. Porém, não é uma repetição da retórica brejnevista.

Na verdade, a própria leitura de Brejnev já era distinta da de seus antecessores. Como fica evidente no encontro de Putin com Mirziyoyev, a recordação da guerra está diante de outros paradigmas, a começar pela independência de cada país. Muito mais próximos de seu legado imperial do que revolucionário, são os meios que a União Soviética usou para integrar suas “nações” que interessam Putin. Não para ressuscitá-la, mas para preservar “relações aliadas”. Por isso, essa “unidade” deve ser entendida como “atemporal”, porque mesmo em um mundo pós-soviético nada poderia rompê-la.

Às vésperas do 9 de maio de 2019, foram esses os sentidos expressos por Putin (2019b: 1, *grifos meus*) ao cumprimentar os veteranos de guerra da Ucrânia e dizer que seus países devem “valorizar e estar atentos às *tradições de amizade fraterna e assistência mútua* herdadas de nossos pais e avós”. Nada muito diferente do que disse aos georgianos “que lutaram lado a lado contra um inimigo cruel” (PUTIN, 2019a: 1). Nem sequer do que disse em 2020 aos estadistas convidados para o desfile militar, pois compreendia que “nossa unidade espiritual em honrar um aniversário que foi comum a todos nós, *e ainda é*, estão em harmonia com os sonhos e esperanças de nossos queridos veteranos, cujos esforços trouxeram nossa comunhão e a tão esperada Vitória” (PUTIN, 2020f: 2).

Em uma visão mais ampla, Putin (2015c: 2) chega a agradecer aos países não adjacentes à Rússia, mas que lutaram ao lado dela durante a guerra. Inclusive, aos “povos da Grã-Bretanha, França e Estados Unidos” e “os membros da resistência clandestina, até mesmo da própria Alemanha”. Em outro discurso de 2020, disse que “nós – os povos da ex-União Soviética – sempre honraremos os bravos militares das forças armadas de todos os países da coalizão anti-Hitler” (PUTIN, 2020d: 5). Sem esquecer dos países balcânicos ao agradecer Vucic pelas

“unidades do exército sérvio [que] marcharão na Praça Vermelha com seus *companheiros de armas russos*” (PUTIN, 2020b: 1, *grifos meus*).

Tais palavras ressoam na análise de Zhurzhenko. Novamente, cabe sublinhar que o espectro da guerra como um meio para a União Soviética se colocar dentro da Europa, conforme a autora, não é apropriado mecanicamente. Zhurzhenko sabe disso, porque ela considera os paradigmas memoriais que Putin precisa lidar e que datam das últimas quatro décadas. Trata-se da “virada memorial” dos anos de 1980, repercutida entre aqueles quatro primeiros países citados por Putin<sup>14</sup>, que veem o ano de 1945 “como marco zero de uma nova ordem democrática e liberal, em que a memória dos genocídios e dos crimes nazistas embasam uma cultura universal dos direitos humanos” (ZHURZHENKO, 2015).

Desse ponto de vista, para esses mesmos países após 1991, o passado das ex-repúblicas precisa ser tratado dessa mesma forma, na medida em que as vítimas dos *gulags* stalinistas (acrônimo de *Gravnoe upravlenie lagerei*, “campos de trabalho corretivo”) seriam equivalentes às das vítimas dos campos de extermínio nazistas<sup>15</sup>. Por isso, a autora conclui que, se Brejnev já havia usado a Vitória para afirmar sua presença na Europa e sua posição internacional, Putin não apenas tirou proveito de um conhecido recurso simbólico, mas do que percebeu como o “único legado positivo da Rússia soviética” entre os antigos aliados (ZHURZHENKO, 2015).

Apesar disso, não se pode tirar da análise de Zhurzhenko que Putin busca simplesmente se adaptar a certas demandas memoriais do presente. Como ela mesma escreveu, a “figura do herói tornou-se não apenas redundante, mas moralmente suspeita” para o resto da Europa (ZHURZHENKO, 2012). Putin, pelo contrário, não renuncia a ela. Ele saúda os “companheiros de armas” e, através disso, busca o reconhecimento da Rússia como a fiadora da democracia europeia do pós-guerra. Mas, em contraste com a relação que estabelece com as antigas repúblicas soviéticas, é para demarcar a diferença do que seria o *seu* povo: a primeira delas, serem heróis.

<sup>14</sup> Segundo Traverso (2021: 84), na “França, começou com o retorno de Vichy à arena do debate público e também com o surgimento da memória judaica, em particular após o lançamento do filme *Shoah* (1985), de Claude Lanzmann. Na Alemanha, foi resultado da apresentação da série de TV americana *Holocausto* e a *Historikerstreit* (1986), a ‘disputa das histórias’ entre um grupo de intelectuais conservadores liderados por Ernst Nolte e o front progressista liderado por Jürgen Habermas”.

<sup>15</sup> Dado que o termo *gulag* pode ser um eufemismo para o trabalho forçado, cabe frisar que não está em discussão o fato dos regimes de Hitler e Stálin terem ceifado vidas e causado sofrimentos. E sim, a equiparação de dois fenômenos históricos distintos (fascismo e comunismo) a partir de semelhanças isoladas. Sobre esse debate, ver o capítulo 6 *Os usos do totalitarismo* de Traverso (2021: 203-245).



Nos primeiros discursos, ficou visível como Putin (2019c: 4), para definir seus concidadãos, destaca que foram eles que “esmagaram” os nazistas e que, portanto, lhes caberia o título de “libertadores das nações europeias”. Suas palavras, porém, não se limitam a uma mera adjetivação. Para sustentá-las, ele recorre a um esboço histórico que não confirmaria só esse reconhecimento, mas a sua distinção em relação aos *outros* povos.

Na revisão da guarda presidencial em 2020, Putin (2020e: 1) novamente afirmou quem, de fato, teria “esmagado aquela força monstruosa”; e, repetiu as mesmas palavras para o “Regimento Imortal” (PUTIN, 2020a: 1). Diante de todo o público presente na Praça Vermelha (PUTIN, 2020d: 4), ele se estendeu sobre

*[...] o dever de lembrar que foi o povo soviético que assumiu o principal fardo da luta contra o nazismo. Em 1941, mais de 80% das forças armadas da Alemanha e seus satélites estavam concentrados na União Soviética. Mas esta armada implacável mostrou-se impotente contra a coesão do povo soviético. Foi o nosso povo que derrotou o mal terrível e total, esmagou mais de 600 divisões, destruiu 75% do número total de aeronaves nazistas, tanques, unidades de artilharia e trilhou seu caminho justo e infinitamente sacrificial até o fim, para seu destino vitorioso.*

Cinco anos antes, na mesma altura do cerimonial, Putin (2015c: 2-4) procurou expressar porque não foi uma “surpresa” os soviéticos terem desferido “o golpe final na Alemanha”:

*Toda a nossa nação multiétnica se levantou para lutar pela liberdade de nossa pátria. Todos suportaram o pesado fardo da guerra [...] Nós nos curvamos para aqueles que morreram de fome e frio na invicta Leningrado, para aqueles que foram torturados até a morte em campos de concentração, em porões e cativeiros.*

Evidentemente, não há dúvidas sobre a escala da invasão nazista e as dificuldades para suplantá-la, nem sobre a vontade de sobrevivência dos habitantes da cidade de Leningrado por mais de 900 dias, entre cercos, bloqueios e dois invernos rigorosos. Como bem escreveu Wolfe (2006: 254), “o observador só pode imaginar os significados da vitória para aqueles cidadãos soviéticos que suportaram os cinco longos anos de luta contra os alemães”. Porém, a questão não é a atribuição de uma imponência aos eventos em si, mas de que apenas o *seu* povo estaria “inexoravelmente” à altura daquele desafio.

Na visão de Putin, não foi a invasão que fez com que os soviéticos assumissem o “fardo da guerra”. Eles o fizeram porque reuniam de antemão os atributos necessários para trilhar um “caminho justo e sacrificial”. Em outras palavras, não foram os exércitos de Hitler que os uniram

ao redor daquelas três responsabilidades (trabalhar, preservar e amar a pátria). Fundamentais para barrar os intentos nazistas, a combinação desses valores seria algo próprio da *sua* nação. Como disse em 2021, o “povo soviético venceu graças ao poder da bondade e da caridade *inerentes ao nosso caráter nacional* desde os *primeiros tempos* (PUTIN, 2021: 4-5, *grifos meus*).

Não se trata de desmerecer a importância da “Grande Guerra Patriótica”, mas de interpretá-la como mais uma evidência, a maior de todas, dos valores e tradições que distinguem o *seu* povo. Por isso, durante o concerto de gala do 77º aniversário da Vitória, Putin (2022a: 1) disse que,

*[...] estamos orgulhosos dos mil anos de história da Rússia, que contém muitos eventos e conquistas com grande valor moral e significado humano universal. A Grande Vitória sobre o nazismo ocupa um lugar especial neste contexto. A vitória foi possível graças à coragem, força de vontade e união do povo soviético.*

É importante inserir a guerra dentro de uma história milenar por ao menos dois motivos. Primeiro, para abonar a inerência histórica do seu “caráter nacional”. Como alegou em 2019, o erro dos nazistas foi pensar que conquistariam a “Rússia de mil anos” (PUTIN, 2019c: 2). Segundo, porque ao colocá-la dentro uma longa história de guerras da Rússia, inclusive imperiais, “tudo o que é soviético perde sua especificidade histórica como projeto político e social” (KALININ, 2011: 157). Seus espectros são reconfigurados para o mundo pós-soviético, de modo que a única familiaridade de Putin com o regime anterior é que o culto à guerra de Brejnev continha um *pathos* muito mais nacionalista do que comunista (EDELE, 2019: 8).

Contudo, esse milenarismo não é uma simples contemplação do passado. A visão de Putin está centrada no presente, e não apenas no campo internacional. Para ele é “um chamado para *viver* honestamente, *manter* alto o padrão da verdade e justiça e *transmitir* esses valores” (PUTIN, 2016a:3, *grifos meus*). Mas, a pergunta que resta é por quê? Por que é “um dever” lembrar do que foi preciso para a Vitória e exercer isso no presente?

A resposta não está muito além do que já foi dito. Entre todos aqueles atributos que unem os povos ex-soviéticos e os diferenciam do *resto* do mundo, faltou mencionar apenas a capacidade de antever as ameaças. Para Putin (2015c: 1), “a Europa iluminada” não conseguiu vê-las antes da eclosão da guerra. Os nazistas se “arrogaram do direito de decidir o destino de outros povos” devido a “conivência [europeia] com a ideologia criminoso da superioridade

racial” (PUTIN, 2017a: 2). E, para os soviéticos, isso seria algo evidente desde sempre. Como disse em 2017 (PUTIN, 2017b: 1):

*Se nosso país tivesse sucumbido à terrível tragédia e, como muitos outros países europeus, sofrido uma derrota, um destino totalmente diferente teria nos esperado [...] Não era apenas uma questão da existência de nosso país, era uma questão da existência de nosso povo como etnia.*

As mesmas considerações feitas às condições que reduziram os cidadãos soviéticos à luta pela sobrevivência devem ser aplicadas aos trechos acima. As críticas sobre como a “Europa iluminada”, antes de uma barreira contra o fascismo, foi o seu combustível, vão de Theodor Adorno a C. L. R. James<sup>16</sup>. Contudo, seu foco não é essa contradição, mas a autoridade que o fato de terem enxergado isso à época lhes confere, vaticinando mais um de seus valores. Trata-se, na verdade, de um paradoxo, se sua busca for pelo mesmo “direito de decidir o destino de outros povos”. Afinal, como disse em uma saudação aos veteranos em 2022, após a invasão da Ucrânia (PUTIN, 2022c: 2-3):

*Hoje, como no passado, vocês [tropas russas] estão lutando por nosso povo em Donbass [leste da Ucrânia], pela segurança de nossa pátria [...] Orgulhamo-nos da geração corajosa e invicta dos vencedores. Orgulhamo-nos de ser seus sucessores, e é nosso dever preservar a memória daqueles que derrotaram o nazismo e nos confiaram a vigilância e tudo faremos para impedir o horror de outra guerra global.*

Como descendentes da “geração dos vencedores”, não há dúvidas, aos olhos de Putin, de sua capacidade de identificar no presente o mesmo mal que acometeu a Europa há mais de oitenta anos. É uma capacidade de “vigilância” supostamente intrínseca que lhes foi confiada por aqueles que venceram o nazismo em 1945. Sendo assim, como seus “herdeiros”, eles não podem ignorar os seus deveres. É isso que Putin (2022b: 1) diz estar fazendo na Ucrânia desde os primeiros conflitos, porque, como disse aos veteranos ucranianos da “Grande Guerra Patriótica” é lá que,

*[...] o nazismo está novamente levantando a cabeça e tentando impor sua ordem bárbara e desumana. Nosso dever sagrado é impedir o retorno dos herdeiros ideológicos daqueles que foram derrotados na Grande Guerra Patriótica. Desejo sinceramente aos veteranos ucranianos da Grande Guerra Patriótica força em seus corações, saúde e vida longa, e a todo o povo da Ucrânia um futuro pacífico e justo.*

<sup>16</sup> Ver o capítulo 5 *O marxismo e o ocidente* de Traverso (2018: 315-370).

Aos críticos de sua decisão de invadir o país e àqueles que questionam o uso do termo “nazismo”, Putin (2022b: 3, *grifos meus*) responde que a “Rússia tem um *caráter diferente*. Jamais abriremos mão do amor à nossa pátria, dos nossos valores tradicionais e dos costumes dos nossos antepassados”. Ele não está falando de interpretações ou conceitos, mas de qualidades que seriam intrínsecas, legitimadas pela “Grande Guerra Patriótica”. Segundo Boris Dubin (2012: 40, *grifos meus*), elas são quase um “segundo nome” para a Rússia, “mas um nome secreto, endereçado ao *nós* e compreensível apenas para o *nós*, enquanto os outros (*eles*) não devem notá-lo, compreendê-lo ou apropriar-se dele”.

Na realidade, Putin não quer que o *nós* seja apenas russo. Não, no nível das alianças. Assim como as diferenças do *seu* povo não precisam ser compreendidas, mas reconhecidas. Por isso, ele recorre ao paradigma multiétnico da União Soviética, em que cada nação era concebida a partir de diferenças essencialistas, supostamente reconhecidas de modo recíproco. Segundo seu discurso de 2022, “hoje, nossos guerreiros de diferentes etnias lutam juntos, protegem uns aos outros [...] como irmãos. É aqui que reside o poder da Rússia, um poder invencível de nossa nação multiétnica unida” (PUTIN, 2022b: 5).

Não obstante os aliados, os inimigos de Putin são compreendidos da mesma forma. A prova de que os primeiros reconhecem as suas diferenças foi quando elas foram deixadas de lado pela união na “Grande Guerra Patriótica”, concebendo uma “história comum”, como disse. Nada disso estaria ao alcance do *eles*. Consequentemente, a ameaça também não estará, porque a antevisão do mal é uma qualidade atribuída ao *nós*, confiada pela “geração dos vencedores”. Além disso, é preciso lembrar que são os inimigos de uma “Rússia de mil anos”, em que o termo “nazista” não tem qualquer especificidade histórica, assim como o período de 1941 a 1945. É um “significante vazio” que não pode ser interpretado ou questionado por ninguém além do que Putin define como o *nós* (PINTO, 2009: 106).

### ***Considerações finais (ou, um réquiem para a eternidade)***

Mais do que uma simples recordação, os discursos de Putin no Dia da Vitória procuram criar laços de pertencimento entre os cidadãos da Rússia através da “Grande Guerra Patriótica”. A construção de identificações, porém, nunca é algo simples. Nada impede, por exemplo, a construção de causas comuns a partir do reconhecimento de certa diversidade. É importante lembrar disso porque, não raro, observadores que adotam uma posição de superioridade podem

colocar todas as formas de identificação dentro de uma mesma categoria, o “identitarismo”, no qual estariam tanto as demandas mais pluralistas, quanto seus antípodas reacionários.

Assim como as identificações, o 9 de maio mostra como nem o passado está livre dessas nuances. Muito antes de Putin, a “Grande Guerra Patriótica” foi um meio para distintos dirigentes buscarem afirmar o seu poder, unir os cidadãos ou silenciar algum aspecto incômodo. Essa, aliás, é a sua face espectral, que não existe independente do presente, porque o passado “se posiciona como uma categoria de espaço e não de tempo” (KLEINBERG, 2013: 9). Por isso ele não *passa*, mas *assombra*, na medida em que é continuamente criado em relação a uma outra posição. À essa permanência, cabem, portanto, as mesmas considerações feitas ao pertencimento.

Diante dessas ressalvas, compreender a forma como Putin vê a “Grande Guerra Patriótica” foi fundamental para identificar seus ideais de pertença e porque esse passado o interessa. De um lado, exaltar aqueles que se lançaram a um destino incerto e os esforços atrás das linhas inimigas busca comprovar a existência de um tipo de *caráter nacional*, imbuído de valores e qualidades milenares que podem contornar qualquer limite ou especificidade histórica. De outro, diante das transformações do mundo pós-soviético, pretende assegurar posições geopolíticas através da apresentação de feitos comuns, ou advertir aqueles que estariam profanando tais laços ao buscarem outros sentidos de pertencimento, como a Ucrânia.

Porém, o segundo aspecto não pode ser confundido com uma identificação pluralista, nem reduzida a uma adequação ao cenário global atual. A inclusão das ex-repúblicas soviéticas em sua visão da guerra está baseada na diferença enquanto fronteiras fixas e imutáveis entre as “nações” tidas como inerentemente diferentes dentro da União Soviética, e não de maneira relacional e contingente. A mesma lógica se aplica ao campo internacional. Se para a Europa a Vitória é um dos poucos legados positivos da União Soviética; para Putin é a consagração dos ideais que separariam a sua “Rússia de mil anos” do resto mundo.

A “Grande Guerra Patriótica” seria assim a maior evidência daquele *caráter nacional*, que é a novidade do discurso patriótico de Putin. Se o foco da retórica soviética era um pertencimento universalista, em que é preciso superar as diferenças em nome de uma causa maior – revolução, guerra etc. –; hoje é a disparidade que deve ser celebrada. Não para criar espaços de coexistência, mas para impedi-los, pois a diferença é dada como um fato absoluto e uma norma positiva para assegurar valores compreendidos como intrínsecos.

Com isso, Putin não busca apenas perpetuar costumes de uma época áurea e imemorial, mas colocar suas posições, como a invasão da Ucrânia, no plano da incomensurabilidade cultural. Pior do que se fossem apenas diferentes, Putin vê os ucranianos como *hereges* em relação aos princípios que ele considera inerentes aos povos da região – e essa visão poderia se aplicar a qualquer grupo em outras circunstâncias, mesmo fora do espaço pós-soviético. De modo hiperbólico, chama todos eles de “nazistas” apenas na medida em que os exércitos de Hitler, ao seu ver, foram uma entre tantas outras ameaças (sem especificidade histórica) ao exclusivismo de uma Rússia milenar. Assim como no passado, é preciso defendê-lo no presente para que siga pela eternidade, numa longa marcha fúnebre.

## Fontes

- PUTIN, Vladimir (2019a). Congratulations to Great Patriotic War veterans and the people of Georgia. *President of Russia*. Moscou, 9 mai.
- PUTIN, Vladimir (2019b). Congratulations to Great Patriotic War veterans and the people of Ukraine. *President of Russia*. Moscou, 9 mai.
- PUTIN, Vladimir (2015a). Gala reception marking Victory Day. *President of Russia*. Moscou, 9 mai.
- PUTIN, Vladimir (2022a). Greetings to participants and guests of the gala concert Songs of Victory. *President of Russia*. Moscou, 9 mai.
- PUTIN, Vladimir (2022b). Greetings to Ukrainian Great Patriotic War veterans. *President of Russia*. Moscou, 9 mai.
- PUTIN, Vladimir (2020a). Immortal Regiment event. *President of Russia*. Moscou, 9 mai.
- PUTIN, Vladimir (2015b). Meeting with President of Kazakhstan. *President of Russia*. Moscou, 9 mai.
- PUTIN, Vladimir (2020b). Meeting with President of Serbia. *President of Russia*. Moscou, 9 mai.
- PUTIN, Vladimir (2020c). Meeting with President of Uzbekistan. *President of Russia*. Moscou, 9 mai.
- PUTIN, Vladimir (2016a). Military parade on Red Square. *President of Russia*. Moscou, 9 mai.
- PUTIN, Vladimir (2017a). Military parade on Red Square. *President of Russia*. Moscou, 9 mai.
- PUTIN, Vladimir (2018). Military parade on Red Square. *President of Russia*. Moscou, 9 mai.
- PUTIN, Vladimir (2019c). Military parade on Red Square. *President of Russia*. Moscou, 9 mai.
- PUTIN, Vladimir (2020d). Parade marking 75th anniversary of Great Victory. *President of Russia*. Moscou, 9 mai.
- PUTIN, Vladimir (2020e). Presidential Regiment review. *President of Russia*. Moscou, 9 mai.
- PUTIN, Vladimir (2020f). Reception for heads of state invited to military parade to mark 75th anniversary of Victory in Great Patriotic War. *President of Russia*. Moscou, 24 jun.
- PUTIN, Vladimir (2016b). Day. *President of Russia*. Moscou, 9 mai.
- PUTIN, Vladimir (2017b). Reception to mark Victory Day. *President of Russia*. Moscou, 9 mai.

- PUTIN, Vladimir (2019d). Reception to mark Victory Day. *President of Russia*. Moscou, 9 mai.
- PUTIN, Vladimir (2021). Victory Parade on Red Square. *President of Russia*. Moscou, 9 mai.
- PUTIN, Vladimir (2022c). Victory Parade on Red Square. *President of Russia*. Moscou, 9 mai.
- PUTIN, Vladimir (2015c). We pay tribute to all those who fought to the bitter for every street, every house and every frontier of our Motherland. *President of Russia*. Moscou, 9 mai.
- PUTIN, Vladimir (2020g). 75th anniversary of Victory. *President of Russia*. Moscou, 9 mai.

## Referências bibliográficas:

- ANDERSON, Benedict (2008). *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BAUER, Caroline Silveira (2019). La dictadura cívico-militar brasileña en los discursos de Jair Bolsonaro: usos del pasado y negacionismo. *Relaciones Internacionales*, v. 28, n. 57.
- CALDEIRA NETO, Odilon; MAGALHÃES, David (2022). Chamar Putin e Ucrânia de nazistas é erro nocivo que não explica a guerra. *Ilustríssima*, 5 mar. Disponível em: <<https://bit.ly/3PyfjVw>>. Acesso em: 24 ago. 2022.
- CORREIA, Mariama (2022). As alianças de Bolsonaro, Putin e Orbán contra o aborto e pela família tradicional. *Agência Pública*, 21 fev. Disponível em: <<https://bit.ly/3kJR2KO>>. Acesso em: 3 mar. 2023.
- DELIOLANES, Dimitri (2022). Cómo la guerra de Putin divide a la diáspora comunista. *Nueva Sociedad: Democracia y política en América Latina*, mai.
- DUBIN, Boris (2012). The Myth of the “Special Path” in Contemporary Russian Public Opinion. *Russian Politics & Law*, v. 50, n. 5.
- EDELE, Mark (2019). The Soviet Culture of Victory. *Contemporary History*, v. 54, n. 4.
- FEDOR, Julie; LEWIS, Simon; ZHURZHENKO, Tatiana (2017). *War and Memory in Russia, Ukraine and Belarus*. Cham: Palgrave Macmillan Memory Studies.
- GELLER JR., Lúcio; PORTAL, João Camilo (2021). “Chegou a hora de ucranizar!”: usos do passado e nacionalismo nas manifestações públicas em defesa de Jair Bolsonaro. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 269-289, maio/ago.
- GELLER JR., Lúcio (2022). *Janelas entreabertas: histórias de mulheres soviéticas em movimento – de 1960 ao tempo presente*. 200f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- GELLER JR., Lúcio; STELMACH, Yuri (2020). O príncipe e o poeta: o passado russo e transcaucásio pelas lentes de Sergei Eisenstein e Parajanov. *Em Tempo de Histórias*, v. 1, n. 37.
- GORBACHEV, Mikhail (1987). *Perestroika: novas ideias para o meu país e o mundo*. São Paulo: Best Seller.
- KALININ, Ilya (2011). Nostalgic Modernization: the soviet past as historical horizon. *Slavonica*, v. 17, n. 2.
- KANGASPURO, Markku; LASSILA, Jussi (2017). From the Trauma of Stalinism to the Triumph of Stalingrad: The Toponymic Dispute Over Volgograd. In: FEDOR, Julie (ed.) et al. *War and Memory in Russia, Ukraine and Belarus*. Cham: Palgrave Macmillan Memory Studies.
- KLEINBERG, Ethan (2013). Presence in Absentia. In: GHOSH, Ranjan; KLEINBERG, Ethan. *Presence: philosophy, history, and cultural theory for the twenty-first century*. Ithaca: Cornell.

- KOSELLECK, Reinhart (1989). Social history and conceptual history. *Politics, Culture, and Society*, v. 2, n. 3.
- KUTKINA, Anna (2020). *Between Lenin and Bandera: Decommunization and Multivocality in (post) Euromaidan Ukraine*. Faculty of Social Sciences, University of Helsinki, Helsinki.
- MOSCOU (2022). Le mythe de la nouvelle Rome. *Historia*, Paris, mai. França.
- MUDROVICIC, Maria Inés (2015). Crisis del Futuro: Política y Tiempo. *Ariadna histórica*, v. 4.
- NÚÑEZ SEIXAS, Xosé Manoel (2022). Lugares de memoria y lugares de dictador: Europa, 1945-2022. *Politika*, n. 12, dez.
- PASSERINI, Luisa (2011). *A memória entre política e emoção*. São Paulo: Letra e Voz.
- PETTINÀ, Vanni (2022). La invasión de Ucrania desde una mirada poscolonial. *Nueva Sociedad: Democracia y política en América Latina*, mar.
- PINTO, Céli Jardim (2009). Elementos para uma análise de discurso político. *Barbarói*, n. 24, abr.
- PLOKHY, Serhii (2015). *O último império: Os últimos dias da União Soviética*. São Paulo: Leya.
- PORTNOV, Andriy (2013). Memory Wars in Post-Soviet Ukraine (1991–2010). BLACKER, Uilleam; ETKIND, Alexander. FEDOR, Julie. *Memory and Theory in Eastern Europe*. Palgrave Macmillan.
- RICOEUR, Paul (2007). *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, São Paulo: Unicamp.
- ROSENFELD, Gavriel (2019). An American Führer? Nazi Analogies and the Struggle to Explain Donald Trump. *Central European History*, v. 52, n. 4.
- RÚSSIA (1995). *Lei n. 32-FZ, de 13 de março de 1995*. Moscou, 13 mar. Disponível em: < <http://kremlin.ru/acts/bank/7640> >. Acesso em: 15 ago. 2022.
- RÚSSIA (1993). *Lei n. 4.292-1, de 14 de janeiro de 1993*. Moscou, 14 jan. Disponível em: < <https://bit.ly/3feUWZ2> >. Acesso em: 15 ago. 2022.
- SEGRILLO, Angelo (2012). A Questão da Democracia na Rússia Pós-soviética. In: Alves, André (org.) *O Renascimento de uma Potência?: A Rússia no Século XXI*. Brasília: IPEA.
- SHEKHOVTSOV, Anton; UMLAND, Andreas (2014). Ukraine's Radical Right. *Journal of Democracy*, v. 25, n. 3.
- STÁLIN, Josef (1979). *O marxismo e o problema nacional e colonial*. São Paulo: Editora Ciências Humanas.
- SUNY, Ronald (2022). Ukraine war follows decades of warnings that NATO expansion into Eastern Europe could provoke Russia. *The Conversation*, 28 fev.
- TRAVERSO, Enzo (2021). *As novas faces do fascismo. Populismo e a extrema direita*. Belo Horizonte: Âyiné.
- TRAVERSO, Enzo (2018). *Melancolia de Esquerda: marxismo, história e memória*. Belo Horizonte: Âyiné.
- UMLAND, Andreas; TARASIUK, Taras (2021). Unexpected Friendships: Cooperation of Ukrainian Ultra-Nationalists with Russian and Pro-Kremlin Actors. *Illiberalism Studies*, n. 8.
- VIANNA, Arnaldo Rosa (2017). Nação e memória. In: GONZÁLEZ, Elena Palmero; COSER, Stelamaris. *Em torno da memória: conceitos e relações*. Porto Alegre: Letra 1.
- WOLFE, Thomas (2006). Past as Present, Myth, or History? Discourses of Time and the Great Fatherland War. In: LEBOW, Richard Ned; KANSTEINER, Wulf; FOGU, Claudio (ed.). *The Politics of Memory in Post war Europe*. Durham, EUA: Duke University.
- ŽIŽEK, Slavoj (2023). Sobre Ucrania, la guerra y la izquierda. Entrevista a Slavoj Žižek. *Nueva Sociedad: Democracia y política en América Latina*, mar.
- ZHURZHENKO, Tatiana (2015). Russia's never-ending war against 'fascism'. *Eurozine*, 08 mai. Disponível em: < <https://bit.ly/3QBtTER> >. Acesso em: 16 jun. 2021.



- ZHURZHENKO, Tatiana (2007). The geopolitics of memory. *Eurozine*, 10 mai. Disponível em: < <https://bit.ly/3y05gdg> >. Acesso em: 15 jun. 2021.
- ZHURZHENKO, Tatiana (2012). Heroes into Victims. The Second World War in Post-Soviet Memory Politics. *Eurozine*, 31 out. Disponível em: < <https://bit.ly/3y05gdg> >. Acesso em: 15 jun. 2021.